

DÓLAR

Últimas cotações (em R\$)

23/junho	2,86
24/junho	2,70
25/junho	2,86
26/junho	2,90
27/junho	2,88

EURO

Turismo, venda (em R\$)

3,360

(▼ 0,18%)

OURO

Onça troy na Comex de Nova York (em US\$)

345,20

(▼ 0,12%)

CDB

Prefeitado, 30 dias (em % ao ano)

25,16

INFLAÇÃO

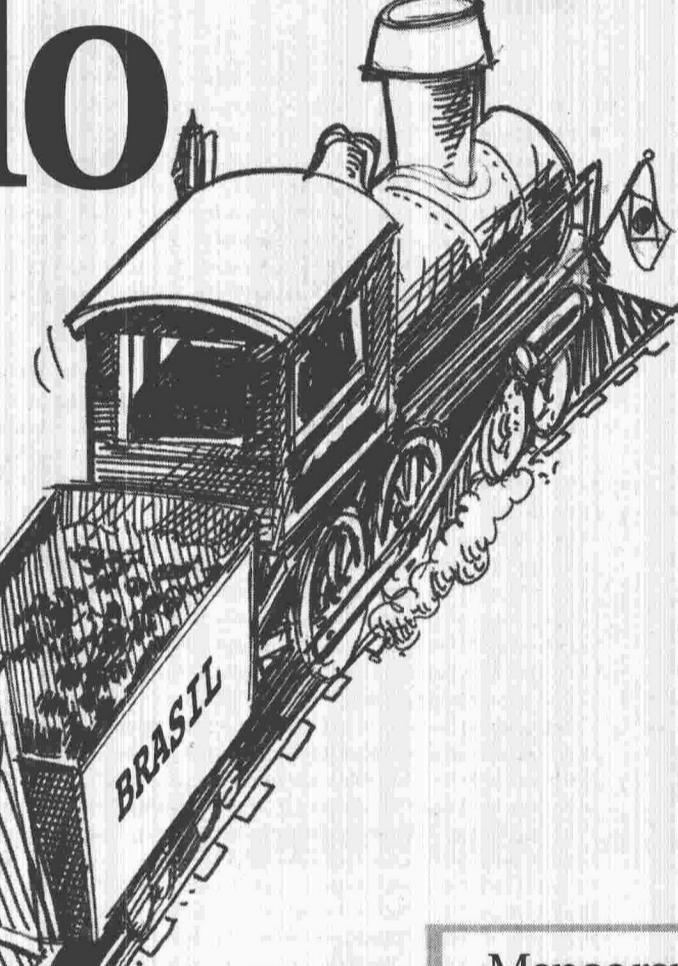
IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2003	2,25
Fevereiro/2003	1,57
Março/2003	1,23
Abril/2003	0,97
Maio/2003	0,61

Economia - Brasil

O desempenho prometido pelo presidente Lula a partir deste mês deverá acontecer, na melhor das hipóteses, em 2004. O BC reviu suas projeções e prevê que o país crescerá, no máximo, 1,8% este ano

Espetáculo do crescimento é adiado



VICENTE NUNES E
ANDREA CORDEIRO

DA EQUIPE DO CORREIO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva terá de esperar um bom tempo para assistir ao "espetáculo do crescimento" que ele prometeu para o Brasil a partir deste mês. Pelas contas do diretor de Política Econômica do Banco Central, Ilan Goldfajn — que deixa hoje a instituição —, o Produto Interno Bruto (PIB), a soma das riquezas do país, crescerá apenas 1,5% em 2003, repetindo o comportamento mediocre do último ano da gestão de Fernando Henrique Cardoso, de 1,52%. Na melhor das hipóteses, se houver uma recuperação vigorosa da economia no último trimestre deste ano, o aumento do PIB pode chegar a 1,8%.

Até ontem, quando divulgou o novo relatório de inflação, o BC apostava em uma expansão de 2,2% para a economia deste ano. Indagado se a revisão, para baixo, do PIB poderia ser interpretada como uma promessa descumprida do presidente Lula, Goldfajn foi taxativo: "Não há um mês específico, um dia D para o crescimento. Estamos falando de projeções de longo prazo", afirmou. Há especialistas garantindo que, diante dos entraves da economia — que combinam espetáculo do crescimento, se houver, só se realizará a partir de 2005.

Segundo o diretor do BC, o comportamento negativo do PIB no primeiro trimestre do ano, que deverá de repetir no segundo e, muito provavelmente no terceiro, justificam as novas projeções para a economia. Ele ressaltou que o comércio e a indústria têm apresentado forte retração, com baixo fôlego de recuperação a curto prazo. Portanto, não fomos os desempenhos da agricultura e dos setores exportadores, o resultado do PIB seria ainda mais desalentador.

Goldfajn fez, ainda, uma revelação alarmante. Neste segundo semestre, as vendas para o exterior já não terão importância relevante para o desempenho do PIB. Na verdade, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), já no primeiro trimestre, as exportações não contribuiram com a mesma intensidade de 2002 para o crescimento da economia como um todo. "Na margem, a contribuição das exporta-

ções para o aumento do PIB será menor no segundo semestre", reforçou o diretor do BC.

Outro dado desalentador para o futuro da economia é a forte retração dos salários. De acordo com Goldfajn, a massa salarial apresentou diminuição no primeiro trimestre do ano, apesar de importantes categorias de trabalhadores terem tido reajuste com base na inflação passada, bastante alta. O resultado foi um significativo encolhimento no consumo. Nos quatro primeiros meses do ano, as vendas do comércio caíram 6% quando comparadas às de igual período de 2002. Somente em março, o recuo das vendas sobre o mesmo mês do ano passado chegou a 11,3%.

Sem demonstrar muito otimismo, Goldfajn disse acreditar que, com a queda da inflação, maior oferta de crédito e juros menores, o consumidor tenderá a ampliar suas compras. Para ele, índices de preços menores sempre contribuem para melhorar a intenção de consumo da população. Além disso, ressaltou, com o recuo da inflação, as perdas dos trabalhadores vão diminuir, ajudando a ativar a indústria e as vendas do comércio.

Ele destacou, porém, que o achatamento real na renda do trabalhador — 15% nos últimos 12 meses — teve um lado positivo: o de conter o repasse do aumento dos custos das empresas para os preços. "A tentativa do comércio de recompor as margens de lucro foi frustrada porque as vendas caíram", disse.

Otimismo

O ministro do Planejamento, Guido Mantega, tentou minimizar as projeções do BC. Disse que, agora, vão começar os sinais de crescimento econômico, sustentados pelas iniciativas adotadas pelo governo. "Não sei exatamente se essa virada ocorrerá no segundo semestre, em julho, em agosto ou em setembro. Mas com a ajuda de um conjunto de iniciativas, puxadas pelas exportações, pelo microcrédito que vai dar dinheiro à população de baixa renda, pelo plano safra e pelos juros caindo, o quadro vai melhorar", afirmou.



Queda no consumo

O consumo das famílias brasileiras caiu 0,6% no primeiro trimestre do ano, em comparação ao último trimestre de 2002, totalizando R\$ 207,2 bilhões, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse resultado decorreu, sobretudo, da disparada da alta da inflação, que engoliu parte dos salários, e das elevadas taxas de juros. Há muito tempo os brasileiros não ficavam tão distantes de um crediário. O IBGE informou, também, que o PIB fechou o primeiro trimestre totalizando R\$ 305 bilhões, 0,1% menor que o resultado acumulado nos primeiros três meses do ano, de R\$ 344,3 bilhões.

Diante desse resultado, o vice-presidente José Alencar voltou a criticar as altas taxas de juros durante a abertura do Encontro Regional do PL de Goiás, em Goiânia. "A força do lobby bancário nacional e internacional quer nos taxar de desrespeitadores da liturgia do cargo de vice-presidente por eu falar dos juros. Vímos num país encarcerado. Disso eu tenho de falar. Se não baixarem a taxa, a renda do Brasil vai se esvaindo em juros", afirmou, em discurso a militares, vereadores e prefeitos do PL goiano. Ele atribuiu às elevadas taxas de juros à "força do lobby bancário nacional e internacional". (VN)

Menos renda e emprego

Desemprego em alta e salários em queda. Esse foi o retrato dramático do mercado de trabalho na região metropolitana de São Paulo, divulgado ontem pela Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) e pela Fundação Seade. O rendimento médio do trabalhador, de R\$ 889 em abril, foi menor registrado desde o mesmo mês de 1985. Na comparação com os últimos oito anos, a queda na renda média dos assalariados chegou a 50%.

A taxa de desemprego ficou em 20,6% em maio. Foram criados 66 mil postos de trabalho, número inferior aos 84 mil que entraram no mercado de trabalho em busca de emprego, a maioria sem registro em carteira.

Esses números foram considerados preocupantes pelos técnicos das duas entidades. "Vai nos custar tempo para inverter os resultados da queda verificada na renda os trabalhadores. Embora a renda tenha apresentado uma leve alta em abril, a bolha inflacionária correu ainda mais os salários. O rendimento que já estava achatado nunca esteve em patamares tão baixos", disse Paula Montagner, gerente de análise da Fundação Seade. Ela destacou que, em abril, o salário médio dos ocupados cresceu 2,2% na comparação com março, passando de R\$ 869 para R\$ 889. Mas o aumento foi insuficiente para compensar a redução de 10,5% acumulada nos 12 meses terminados em abril.

Segundo o professor Cláudio Dedecca, da Universidade de Campinas, a pequena recuperação dos salários de abril se deu em função da queda da inflação. "Foi um efeito de curto prazo" afirmou. (VN)